

# Mariofanias: desvelamento de Cristo

ANTÓNIO ABEL RODRIGUES CANAVARRO\*

**Resumo:** O artigo é uma aproximação à atualidade, problemática e pertinência das mariofanias na vida da Igreja. Assim, partindo do seu enquadramento na História da Igreja, passando por uma leitura teológica e apresentação de alguns critérios de discernimento, bem como pela aproximação ao dogma da Assunção de Maria como chave hermenêutica, fundamenta-se também a importância das mariofanias no mistério da fé e no desvelamento do mistério de Cristo na vida da Igreja.

**Palavras-chave:** mariofanias, Maria, aparições, visões, revelações, critérios teológicos, discernimento.

**Abstract:** This paper probes the current relevance, problematic and pertinence of mariophanies to Church life. First, Mariophanies setting within the Church History is established. Then they are theologically interpreted by means of some discernment criteria, and analysed from the viewpoint of the Assumption of Mary's dogma as the hermeneutical key. The ends up concluding on the importance of mariophanies to the mystery of the faith and the unveiling of the mystery of Christ in the life of the Church..

**Keywords:** mariophanies, Maria, apparitions, visions, revelations, theological criteria, discernment.

\* Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia (Porto).

## 1. Mariofanias: a problemática

A Constituição dogmática *Lumen gentium*, do Concílio Vaticano II, depois de ter apresentado a maternidade espiritual de Maria em relação aos cristãos, afirma: "Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada" (LG 62).

Tendo em conta este permanente e dinâmico cuidar "com amor materno dos irmãos de seu Filho", a mariologia lê e compreende as aparições de Maria, Mãe de Deus, glorificada e assunta, como manifestações daquele amor materno que anima o seu coração em relação aos seus filhos e como confirmação de ser o "ícone" do sermos novas criaturas em Cristo porque, segundo Salvatore Perrella, "das experiências mariofânicas emerge claramente uma mensagem simples, essencial e, ao mesmo tempo, reconfortante: 'Nossa Senhora' é 'nossa amiga'; o seu objetivo é o de congregar e reunir os dispersos filhos de Deus mediante o Evangelho e a *ação de seu Filho Jesus Cristo*"<sup>1</sup>. Daí podermos dizer que "a finalidade das aparições da Mãe de Jesus na nossa história é a de conduzir-nos ao seu Filho e, pelo dom do Espírito, ao Pai. Assim não deve causar estranheza que normalmente apareça aos crentes a Mãe de Jesus e não tanto os santos ou o mesmo Senhor Jesus... Maria não se centra em si mesma, mas remete para o Senhor Jesus, como fez em Caná da Galileia: 'fazei o que Ele vos disser' (Jo 2,5). Ela ensina Cristo, no próprio sentido etimológico (*insignare*): indica-o, aponta-o e conduz até ele porque, como sua mãe, sua crente e sua serva, conhece melhor do que nós o acesso ao seu generoso coração"<sup>2</sup>.

Assim, as aparições são também chamadas de "mariofanias"<sup>3</sup>. O termo, segundo Stefano de Fiore, não só faz referência ao acontecimento das aparições

1 PERRELLA, Salvatore M. – *Le apparizioni mariane. Dono per la fede, sfida per la ragione*, San Paolo, Cinisello Balsamo 2007, p. 184.

2 PERRELLA, Salvatore M. – *Le apparizioni mariane. Dono per la fede, sfida per la ragione*, p. 186.

3 Segundo Salvatore Perrella, o termo *mariofanias* foi criado e utilizado pelo grande filósofo e pensador cristão Jean Guilton na sua obra *La Vergine Maria*, Rusconi, Milano, 1987, pp. 129-136. É um helenismo formado do verbo *phainô*: manifestar, precedido do nome *Maria*. "Mariofania" tem um sentido mais amplo do que "aparição": significa e indica "todas as manifestações extraordinárias" da Virgem Maria (cf. PERRELLA, Salvatore M. – *Impronte di Dio nella storia. Apparizioni e Mariofanie*, Messaggero, Padova 2011, pp. 15-16).

de Maria, mas sobretudo indica “a pessoa de Maria e a sua função” em continuidade com os dados bíblicos que constituem a verdadeira e fundamental mariofania<sup>4</sup>. Nesta perspetiva Maria não aparece como alguém do passado, mas continua a “manifestar-se como pessoa viva, luminosa, glorificada, que se interessa pelos seus filhos e que se preocupa com o seu peregrinar neste mundo”<sup>5</sup>.

Somos ainda confrontados com grave paradoxo: as aparições marianas que, no geral, *têm pouco ou quase nenhum crédito* e são vistas com reservas entre as chamadas elites intelectuais, teólogos incluídos, sendo classificadas como “revelações privadas”<sup>6</sup>, pelo contrário, encontram muita influência e grande aceitação junto do povo cristão, tendo a sua face mais visível na religiosidade popular. Assim, enquanto a Igreja institucional não valoriza o fenómeno, negando-o ou acolhendo-o com reserva, multidões de fiéis dirigem-se continuamente para os lugares onde apareceu ou aparece Nossa Senhora, desejosos de ver, tocar e falar com os videntes. Como consequência disto, frequentemente não instruídos e esclarecidos sobre a natureza, o valor e o significado destes acontecimentos, ignorando as diretrizes da Igreja, os crentes nestes fenómenos cultivam atitudes muito dependentes dos “videntes” e das suas mensagens, considerando-os quase como novos evangelistas/profetos e novos guias espirituais do mundo. Frequentemente vemos desenvolver-se, a partir destes fenómenos e tendo um forte apoio popular, uma “Igreja das aparições” com as suas regras e o seu *modus vivendi* que caminha em paralelo e, frequentemente, em conflito com a “Igreja institucional”<sup>7</sup>.

A tudo isto podemos acrescentar as várias crises do homem contemporâneo que o deixam frequentemente escravo ou prisioneiro:

- do seu eficientismo exterior (viver da imagem e para a imagem) que não corresponde a uma igual riqueza interior (vazio interior);
- do seu positivismo, empirismo e niilismo que são um sério e perturbador obstáculo para a possibilidade de abertura ao infinito e, mais concretamente, ao mistério cristão;

4 Cf. DE FIORES, S. – *Maria Madre di Gesù. Sintesi storico-salvifica*, Dehoniane, Bologna 1992, pp. 347-360.

5 PERRELLA, Salvatore M. – *Le Mariofanie. Per una teologia delle apparizioni*, Messaggero, Padova 2009, p. 5.

6 Normalmente o clero nunca esteve muito à vontade perante o fenómeno das mariofanias. Sempre procurou regularizar e controlar, tal como hoje, pelo menos alguns, se esforçam por transformar as “aparições” em “visões”, dando mais importância à dimensão subjetiva da experiência (visão) do que à objetividade do fenómeno (aparição).

7 Cf. GRASSO, A. – *Perché appare la Madonna? Per capire le apparizioni mariane*, Editrice Ancilla, Conegliano 2012, p. 33 e BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima. Amisericórdia de Deus: O triunfo do amor nos dramas da história*, Santuário de Fátima 2014, p. 40.

- do seu materialismo marcado pelo prazer e pelo ter em detrimento do ser, que o leva a ignorar a beleza do dar-se no amor e por amor. A perda do sentido do dom, da gratuidade e da oblação;
- a sua tendência para o poder e o domínio, que o distancia da compreensão da vida como serviço humilde e desinteressado<sup>8</sup>.

Devemos também reconhecer que nos encontramos, dramaticamente, num contexto geral da vida onde:

- a fé cristã e a Igreja perderam o seu valor de verdade e o carácter de universalidade salvífica porque sobre ela recaem continuamente dúvidas, incertezas e descrédito<sup>9</sup> – *já não estamos num regime de cristandade, mas ainda pensamos e atuamos nesse registo*;
- a angústia e a ansiedade, o medo e a dor, tantas vezes globalizados, envolvem e marcam a vida de milhares de pessoas;
- os lugares e os espaços da vida humana assemelham-se cada vez mais a terríveis "desertos de solidão", de incompreensão e de desolação, onde não há lugar para a partilha e a gratuidade<sup>10</sup>;
- vivemos num tempo mais propício para as seitas (Novos Movimentos Religiosos) e não para a fé e o compromisso cristãos.

Esta situação eclesial em que as mariofanias, de um lado, quase se ignoram ou se criticam e, de outro, frequentemente, se valorizam e exaltam sem qualquer segurança teológica, elevando-as a absoluta regra de vida, levou os estudiosos de mariologia a dedicarem-se com maior seriedade ao estudo da problemática teológica, eclesial, social e antropológica das aparições marianas com a preocupação de favorecer os elementos teológicos necessários para uma valorização teológico-pastoral, na perspetiva de uma nova evangelização. Neste sentido, relembre-se a importância de Maria na redescoberta da centralidade de Cristo na vida dos crentes e na pastoral da Igreja. O Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii gaudium* (2013), apresenta Maria como a estrela de nova evangelização e diz-nos que "há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja" (EG 288).

8 Cf. GRASSO, A. – *Perché appare la Madonna? Per capire le apparizioni mariane*, p. 33.

9 Cf. GRASSO, A. – *Perché appare la Madonna? Per capire le apparizioni mariane*, pp. 33-34. Cf. também PERRELLA, Salvatore M. – *Le Mariofanie*, p. 33.

10 Cf. GRASSO, A. – *Perché appare la Madonna? Per capire le apparizioni mariane*, p. 34 e PERRELLA, Salvatore A. – *Le apparizioni mariane*, pp. 141-142.

## 2. Mariofanias: uma constante na vida da Igreja

As aparições não são exclusivas do nosso tempo. Elas são uma constante em toda a Bíblia<sup>11</sup> e ao longo dos tempos. Elas são uma realidade na história bíblica e cristã.

São muitos os autores que, ao longo da História da Igreja, trataram o tema e nos deixaram relatos de aparições de Nossa Senhora<sup>12</sup>. Se o primeiro milênio é marcado por escassa e, sobretudo, pouco credível informação, o segundo milênio é marcado por uma cada vez maior documentação de aparições que foram proliferando de forma impressionante, sobretudo a partir do século XIX, de forma que no pontificado do papa Pio XII (1939-1958) "culminou o que se chamou de *era mariana*"<sup>13</sup>. O fenômeno das aparições continua a ser uma realidade nos nossos dias e a despertar as mais diversas reações.

Segundo A. Grasso, R. Laurentin, no *Dizionario delle "apparizioni" della Vergine Maria*, elenca cronologicamente, desde as origens do Cristianismo até aos nossos dias, 2400 aparições e intervenções extraordinárias de Nossa Senhora. Durante o século XX foram registadas cerca de 400 aparições marianas (ou pretensas aparições)<sup>14</sup>.

### O fenómeno

No nosso tempo não é difícil encontrar pessoas que acreditam possuir carismas particulares e dons extraordinários. Visões, colóquios, lágrimas, curas, profecias e mensagens sucedem-se em ritmo acelerado até constatar-mos uma explosão de carismas extraordinários ou supostos como tais, numa

11 No Antigo Testamento podemos observar inúmeras manifestações do sobrenatural ou teofanias. Desde Abraão a Moisés, passando pelos profetas, elas são uma constante (Gen 16,7-13; Ex. 19; 1Rs 19,9-19). Os Evangelhos dão-nos a conhecer aparições de anjos, como podemos ver nos Evangelhos da infância (Mt 1,20; 2,13; Lc 1,11.13.19.26-38; 2,9-13), no início da vida pública de Jesus depois das tentações (cf. Mt 4,11), no Getsemani (Lc 22,43) ou no sepulcro depois da ressurreição (Mt 28,2-5; Mc 16,5; Lc 24,4-5; Jo 20,12). Mais frequentes são as visões e aparições nos Atos dos Apóstolos: o caso do diácono Estêvão (At 7,56), de Ananias (At 9,10), do centurião Cornélio (At 10,3-6), do apóstolo Pedro em Joazebo (At 10,11-12) ou na prisão (At 12,7-11) (cf. LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, Paulinas, Madrid 1988, p. 187 e PERRELLA, Salvatore M. – *Le mariofanie*, pp. 67-73).

12 Cf. LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, pp. 187-189.

13 MARTÍN VELASCO, J. – *Devoción mariana*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, p. 589.

14 R. Laurentin foi o grande especialista e defensor das aparições, tendo escrito mais de cem obras sobre este tema. Uma das suas obras mais recentes foi um Dicionário sobre as aparições marianas (original em francês e com tradução italiana), no qual relata e analisa 2400 aparições com a ajuda de especialistas de diversas áreas (cf. GRASSO, A. – *Perché appare la Madonna?*, pp. 37-79).

verdadeira "inflação aparicionista". Dá a impressão de que o acontecimento carismático se transformou num facto normal. É frequente encontrarmos videntes que afirmam ter aparições no estilo das de Lourdes ou de Fátima.

Além disto, a nível de religiosidade popular, onde é mais difícil distinguir entre fé cristã e elementos mágico-sacrais, vemos diversos líderes religiosos que criam à sua volta movimentos, mais ou menos amplos, de seguidores.

Finalmente, numa dimensão mais coletiva, formaram-se "cenáculos carismáticos" em que os videntes recebem mensagens enigmáticas, normalmente de tom apocalíptico, destinadas a grupos inteiros.

"Esta revivescência (*revival*) carismática, de implicações tão complexas, não pode passar despercebida ao cristão que pretenda viver segundo o Espírito e construir a sua própria espiritualidade aberto aos sinais de Deus na história. Deverá ser evitada toda a confusão e toda a supervalorização do fenómeno para não provocar um estado mental ávido de prodígios e mal protegido contra a irrupção da superstição; o cristão precisa de estar atento para evitar com grande cuidado a recusa ou a rejeição cépticas ou o desprezo supercrítico das possíveis manifestações de Deus no nosso tempo, a fim de não converter em obstáculo o que poderia ser estímulo e ajuda no caminho da fé. Para orientação segura, é necessário cotejar tudo isto com a palavra de Deus, transmitida pela Igreja e na Igreja, atualizada ao longo dos séculos. Na fonte genuína da revelação será mais fácil livrar-se dos preconceitos comuns e encontrar a orientação exata e necessária"<sup>15</sup>.

## O significado

Mariofanias (manifestações de Maria) podem ser visões, locuções, manifestar estigmas, etc. Podem ser sempre enquadradas como: questionáveis (todas, antes do exame diligente), falsas, fraudulentas ou autênticas (treze, sendo a última em 2008, Laus – França)<sup>16</sup>.

As "aparições"<sup>17</sup> (do latim *apparitio* ou *visio*) são a manifestação "fora da natureza" de um determinado objeto que é percebido pelos sentidos externos ou pela imaginação como uma realidade presente. Para a Igreja estas têm como objeto Deus, a Virgem, os santos e os anjos; mas podem também

15 DE FIORES, S. – *Vidente*, in *Dicionário de Espiritualidade*, Paulinas, São Paulo 1989, pp. 1177-1178. Cf. DE FIORES, S. – *Apparizioni*, in *Maria. Nuovissimo Dizionario*, I, Dehoniane, Bologna 2006, pp. 22-25.

16 Compete ao Magistério da Igreja declarar a autenticidade das aparições mediante um procedimento canónico (cf. DE FIORES, S. – *Apparizioni*, in *Maria. Nuovissimo Dizionario*, I, pp. 49-51).

17 Cf. DE FIORES, S. – *Maria Madre di Gesù. Sintesi storico salvifica*, pp. 347-348.

alargar-se à visão de acontecimentos, factos ou pessoas relacionadas com outros tempos e lugares, ou também com o futuro<sup>18</sup>.

As aparições reconhecidas pela Igreja apresentam-se como uma manifestação sensível de uma realidade sobrenatural. Elas são expressão de “dons místico-carismáticos” que fazem parte da história viva da Igreja e, por isso, não podem ser desprezadas ou recusadas *a priori*<sup>19</sup>.

Pode distinguir-se a visão da aparição: a “aparição” é considerada a manifestação sensível de uma pessoa ou de um ser, cuja presença não pode ser explicada, enquanto a “visão” é a percepção sobrenatural de um objeto que é naturalmente invisível ao homem; geralmente os dois termos são considerados sinónimos da mesma realidade<sup>20</sup>. Podemos então dizer que as visões são a experiência do ponto de vista do ser humano e as aparições a mesma experiência do sobrenatural, mas agora compreendida a partir do divino. Assim a visão não implica a existência real, isto é, a presença sensível e atual do seu objeto como, pelo contrário, é requerido nas aparições<sup>21</sup>.

### A atualidade

A atualidade das mariofanias reside no facto de elas serem interpretadas como uma resposta profética às necessidades dos tempos, dramatizados pelas intervenções de Maria na sua feminilidade (Deus quer revelar o seu lado materno através de Maria), como se pode constatar através das mensagens das várias aparições marianas, num apelo urgente à conversão a Deus e a descobrir a centralidade de Cristo na vida dos cristãos e na vida da Igreja.

18 Cf. DINZELBACHER – *Aparición*, in *Diccionario de Mística*, Editorial Carmelo, Burgos 2000, pp. 105-109.

19 Cf. LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, pp. 187-188.

20 Termos importantes relacionados com as revelações privadas: *Aparições*: a manifestação mística de um ser sobrenatural, que não pode ser vista senão pelos videntes; também chamadas de visões (corporais, imaginárias intelectuais...); *Locuções*: palavras de ordem sobrenatural, percebidas na mente do vidente como mensagens claras e distintas; *Êxtases*: estado espiritual que causa no vidente a perda total de contacto com a realidade circundante, tempo e local. O vidente não responde a qualquer estímulo externo; *Estigmas*: manifestação visível, no corpo do vidente, dos ferimentos infligidos a Jesus Cristo na Sua Paixão. Os ferimentos sangram, quase sempre à sexta-feira, sendo as dores consideráveis nos videntes. São visões ou encontros? Os videntes experimentam uma existência real e objetiva; mas é um encontro face a face ou Deus induz na subjetividade dos videntes para Se comunicar? Uma ou outra forma pode ser possível (cf. DE FIORES, S. – *Apparizioni*, in *Maria. Nuovissimo Dizionario*, I, pp. 20-69).

21 Para aprofundar a temática das aparições cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – “*A mensagem de Fátima – Comentário Teológico*”, 26 de junho de 2000, in *Memórias da Irmã Lúcia*, vol. I, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2010, pp. 220-227.

Deus quer responder à necessidade de ternura do mundo contemporâneo revelando o seu rosto misericordioso e compassivo através das aparições da *Mãe de Seu Filho*.

As aparições, dando-nos a conhecer a identidade de Maria e da Igreja, revelam mais profundamente a identidade do próprio Deus e o seu desígnio de amor para com a humanidade. Os autores estão de acordo em afirmar que para entender e compreender este fenómeno, sobretudo as do século XX, é preciso fazer uma aproximação ao mundo contemporâneo; isto porque, apesar de o século XX ser considerado o "mais sanguinário da história", nele se multiplicaram as aparições marianas<sup>22</sup>.

Somos convidados a reconhecer e a compreender como neste tempo, em vez de intervir diretamente, Deus prefere enviar ao mundo e à história concreta dos homens Maria como mensageira da oração e da misericórdia, num apelo urgente ao arrependimento e à conversão. Trata-se de um forte apelo à mudança de vida perante um futuro iminente e destrutivo. Assim "as mariofanias têm uma evolução neste sentido porque nelas a Virgem passa das palavras ao pranto e provavelmente ao sangrar. É um grito da Mãe que assume os tons da profecia e da apocalíptica para deter os passos desnoroados de grande parte do mundo e para mostrar nela o rosto misericordioso de Deus Amor. Só quando os homens e as mulheres mostrarem que acolheram o apelo e o gemido de dor de Maria é que esta chamada de atenção se transformará num ensinamento positivo, sapiencial e mistagógico"<sup>23</sup>.

### 3. A Igreja e as mariofanias

Eloy Bueno de la Fuente apresenta as aparições através de uma imagem bastante sugestiva, a da fissura:

"As aparições constituem um escândalo para a razão humana quando esta se nega a aceitar qualquer tipo de realidade que não seja suscetível de análise e verificação empírica segundo o método das ciências naturais. Apenas se reconhece como experiência aquilo que se encontra dentro das paredes do mundo. Torna-se inaceitável e insuportável qualquer palavra ou interpelação que proceda de um lugar que não possa ser previsto ou controlado pela razão autónoma e livre... Insuportáveis para a razão científica, as aparições têm sido um tema incómodo (e, de facto, relegado) para a razão

22 Cf. DE FIORES, S. – ¿Por qué las apariciones de María?, in *Ecclesia*, 25 (2011), p. 151.

23 DE FIORES, S. – *Apparizioni*, in *Maria. Nuovissimo Dizionario*, I, p. 59.

teológica, mesmo no campo da mariologia. Também as aparições parecem introduzir uma fissura no edifício teológico<sup>24</sup>.

A posição da Igreja, ao longo dos tempos, em relação a este fenómeno das mariofanias passou por várias fases: Da tolerância acrítica, passando pela indiferença à crítica negativa, até à compreensão e valorização pastoral e, ultimamente, ao enquadramento teológico, como se pode verificar, seja pelas publicações dos vários Centros de Estudos Marianos<sup>25</sup>, seja pelos Congressos Marianos organizados no âmbito dos grandes santuários<sup>26</sup>.

### Leitura teológica

Segundo R. Laurentin, para a Igreja, o tema das aparições implica reservas e pode ser motivo de alguma tensão, tanto ao nível da doutrina (reflexão teológica – verdades intelectualmente acreditadas) como ao nível da pastoral (práxis – “verdades” afetivamente vividas). A grande questão do autor é: onde colocar metodologicamente a realidade teológico-prática das aparições? Isto implica o estudo e o discernimento de um conjunto de fenómenos relacionados com visões, locuções e mensagens, videntes, histórias e outros elementos substanciais para uma melhor compreensão desta temática. Daí a importância de um estudo mais interdisciplinar procurando o contributo dos diferentes ramos das ciências teológicas no estudo desta temática (teologia fundamental, teologia dogmática, teologia bíblica e exegese, teologia moral e teologia espiritual)<sup>27</sup>. Esta preocupação mostra a necessidade, cada vez mais urgente, perante o “fenómeno aparicionista”, de uma avaliação mais profunda para descobrir qual a sua importância e como situar corretamente as aparições dentro da “hierarquia das verdades da fé”.

Dizem-nos as *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições* da Congregação da Doutrina da Fé: “O valor das revelações privadas é essencialmente diverso do da única revelação pública: esta exige a nossa fé; de facto, nela, por meio de palavras humanas e da mediação da comunidade viva da Igreja, fala-nos o próprio Deus<sup>28</sup>”.

24 BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, p. 39.

25 Cf. PEDICO, M. – LLAMAS, E. – *Centros marianos de estudio*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, pp. 414-431.

26 Cf. LLAMAS, E. – *Congresos marianos españoles*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, pp. 461-470.

27 Cf. LAURENTIN, R. – *Apariciones actuales de la Virgen María*, Rialp, Madrid 1991, pp. 24-29.

28 CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações*, n. 3 (Prefácio). No mesmo Prefácio diz o Cardeal William

O critério da verdade de uma revelação privada é a sua orientação para o próprio Cristo. Quando ela nos afasta d'Ele, certamente não vem do Espírito Santo, que nos guia no âmbito do Evangelho e não fora dele. A revelação privada é uma ajuda para a fé e manifesta-se como credível precisamente porque orienta para a única revelação pública<sup>29</sup>. Por isso, a aprovação eclesiástica de uma revelação privada indica essencialmente que a respetiva mensagem não contém nada que contradiga a fé e os bons costumes; é lícito torná-la pública, e os fiéis são autorizados a prestar-lhe de forma prudente a sua adesão<sup>30</sup>.

"Uma revelação privada pode introduzir novas compreensões, chamar a atenção para um determinado aspeto evangélico, fazer surgir novas formas de piedade ou aprofundar antigas. Pode revestir-se de um certo carácter profético (cf. 1Ts 5,19-21) e ser uma válida ajuda para compreender e viver melhor o Evangelho na hora atual; por isso ela não deve ser descuidada. É uma ajuda, que é oferecida, mas da qual não é obrigatório fazer uso. Contudo, deve tratar-se de um alimento para a fé, a esperança e a caridade, que são o caminho permanente da salvação para todos"<sup>31</sup>.

As aparições marianas ou mariofanias são manifestações da permanente ação salvadora de Deus por meio de Jesus Cristo e de Maria. São factos carismáticos como os demais que sempre existiram no cristianismo: profecia, cura ou milagres, martírio, revelações privadas, etc. O Espírito Santo intervém como Lhe apraz. Graças a Ele, a Virgem Maria irrompe visivelmente na história dos homens, aparecendo a pessoas concretas e em determinados lugares, de maneira milagrosa e surpreendente, confirmando o acontecimento da sua

Joseph Levada: "O Documento, deliberado pelos Padres da Sessão Plenária da Congregação, foi aprovado pelo Servo de Deus, Papa Paulo VI, no dia 24 de fevereiro de 1978 e, conseqüentemente, emanado pelo Dicastério no dia 25 de fevereiro de 1978. Nessa época, as *Normas* foram enviadas para conhecimento dos Bispos, sem proceder a uma sua publicação oficial, também em consideração do facto de que elas dizem respeito em primeira pessoa aos Pastores da Igreja" (n. 1). Estas *Normas* tiveram publicação oficial a 14 de dezembro de 2011.

<sup>29</sup> A revelação, do ponto de vista constitutivo e formal, já está encerrada. Ela terminou com a morte do último apóstolo. Do ponto de vista interpretativo continua aberta: "Eu vos conduzirei à verdade plena" (Jo 16,15). A função da reflexão teológica é apresentar as verdades de sempre de uma forma compreensível em cada tempo histórico (cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 66-67).

<sup>30</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações*, n. 3 (Prefácio) e Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, 2010, n. 14.

<sup>31</sup> Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, 2010, n. 14. Cf. também CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – "A mensagem de Fátima – Comentário Teológico", 26 de junho de 2000, in *Memórias da Irmã Lúcia*, vol. I, p. 223 e CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nn. 66-67.

aparição e a origem divina da mensagem de que é portadora. Elas são portadoras de um bem maior para a Igreja, que se traduz numa melhor compreensão do mistério de Cristo e num desafio de mais autenticidade evangélica<sup>32</sup>.

Podemos concluir dizendo que as mariofanias não trazem qualquer acrescento à Palavra de Deus, que se revelou total e plenamente em Jesus Cristo. Elas são expressão concreta de uma "atualização epocal" da mesma Palavra, convertendo-se em verdadeiros sinais de Deus para as diferentes gerações<sup>33</sup>. Diz Eloy Bueno: "As mariofanias não são a Páscoa, mas vivem dela, são seu testemunho, seu sinal, e por isso chave de leitura profética da história"<sup>34</sup>.

As mariofanias são sempre a presença real de Maria aos videntes, que a experimentam como uma existência real e objetiva (não como fantasias). Entretanto é possível que a Virgem se sirva de representações na própria subjetividade do vidente para se comunicar. O modo não é tão importante, o que importa é o conteúdo da mensagem e as verdades evangélicas para que aponta.

### **Crítérios de discernimento**

Qual a atitude da Igreja em face das aparições marianas<sup>35</sup>?

Extrema prudência e exame lento e minucioso antes de reconhecer oficialmente a veracidade dos factos, bem como evitar atitudes minimalistas<sup>36</sup> ou maximalistas<sup>37</sup> em relação a estes fenómenos com os quais a Igreja é confrontada.

32 Cf. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, 2010, n. 14.

33 Cf. MARTO, A. – *Fátima: uma luz sobre a história do mundo*, in COUTINHO, V. (coord.) – *Mensagem de esperança para o mundo: acontecimento e significado de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima 2012, p. 17.

34 BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, p. 51.

35 Embora a Igreja favoreça e promova o culto a Nossa Senhora em determinados lugares, normalmente santuários, devido aos acontecimentos extraordinários neles ocorridos, ela não obriga os fiéis a acolher as respetivas revelações particulares, uma vez que estas não fazem parte do depósito da fé. Fica ao critério dos cristãos, em particular, a liberdade de acreditarem e assumirem ou não na sua própria vida a mensagem das aparições (cf. PERRELLA, Salvatore M.-ROGGIO, G. M. – *Apparizioni e mariofanie. Teologia, Storia, Verifica Ecclesiale*, San Paolo, Cinisello Balsamo 2012, pp. 80-81).

36 Minimalismo: Desprezo pelos fenómenos extraordinários, sobretudo marianos, querendo submeter toda a intervenção divina na Igreja não só a critérios racionais, recusando o valor cristão e revelador dos elementos populares, mas também a um juridicismo excessivo, procurando subordinar as intervenções do Espírito a normas bem definidas. Manifesta ainda um pouco apreço pelos carismas e uma deficiente teologia sobre os mesmos.

37 Maximalismo: É muito comum, sobretudo ao nível da religiosidade popular, caindo no exagero da absolutização (Maria é tudo). Falamos de uma vã credulidade (cf. LG 67; MC 38) demasiado inclinada a substituir a graça da economia salvífica de Deus Pai pelo maravilhoso.

Diante dos fenómenos de aparições e revelações particulares, a Igreja tem a obrigação de ser prudente. Ela é responsável pela preservação da doutrina da fé. Por um lado, ela sabe que o Espírito Santo pode falar por vias extraordinárias, de tal modo que não lhe é lícito extinguir o Espírito (cf. 1Ts 5,19-22); por outro lado, o extraordinário não é a via normal pela qual Deus guia seus filhos. A fé madura não aceita qualquer notícia sobre aparições, prodígios e milagres, mas pergunta sempre: quais as razões que levam a acreditar em determinado fenómeno? Qual a autoridade de quem transmite a notícia? Em que se baseia? Como fala<sup>38</sup>?

A respeito destes fenómenos extraordinários, segundo informa R. Laurentin, o Papa Bento XIV (1740-1758) publicou o seguinte: "A aprovação (de aparições) não é mais do que a permissão de as publicar, para instrução e utilidade dos fiéis, depois de maduro exame. Pois estas revelações assim aprovadas, ainda que não se lhes dê nem possa dar um assentimento de fé católica, devem contudo ser recebidas com fé humana segundo as normas da prudência, que fazem de tais revelações objeto provável e piedosamente aceitável"<sup>39</sup>. Esta posição tomou-se clássica na prática da Igreja. Na verdade, todas as vezes que ocorrem estes fenómenos e a Igreja é chamada a intervir, a sua posição é marcada por uma atitude de prudência, dando normas e apresentando regras para um discernimento, tanto quanto possível, objetivo. São os chamados critérios de verificabilidade que se devem utilizar para julgar da autenticidade das aparições<sup>40</sup> e o procedimento canónico que se deve seguir<sup>41</sup>.

A preocupação do Magistério da Igreja, justificada por razões teológicas e pastorais, e tendo em conta o crescente "fenómeno aparicionista", levou a que, em 2011, fossem oficialmente publicadas umas normas para julgar, pelo menos com uma certa probabilidade, sobre o carácter das presumíveis aparições ou revelações. São um conjunto de critérios que ajudam no discernimento destes fenómenos<sup>42</sup>. Eis o texto:

38 Cf. PERRELLA, Salvatore M.-ROGGIO, G. M. – *Apparizioni e mariofanie. Teologia, Storia, Verifica Ecclesiale*, p. 80.

39 LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, p. 192.

40 Cf. LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, pp. 195-198.

41 Cf. DE FIORES, S. – *Apparizioni*, in *Maria. Nuovissimo Dizionario*, I, pp. 49-51.

42 CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ – *Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações* (2011). Vários autores apresentam estudos sobre a leitura teológica e a aplicação pastoral destas Normas: PERRELLA, Salvatore M. – *Impronte di Dio nella storia*, pp. 433-437; PERRELLA, Salvatore M.-ROGGIO, G. M. – *Apparizioni e mariofanie*, pp. 80-88; LUIS BASTERO, J. – *Apariciones marianas: praxis y teología*, in *Scripta Theologica* 43 (2011), pp. 355-364; BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, pp. 42-44.

## A) Critérios positivos:

- a) Certeza moral, ou pelo menos grande probabilidade, da existência do facto, adquirida por meio de uma investigação séria.
- b) Circunstâncias particulares relativas à existência e à natureza do facto, ou seja:
  1. qualidades pessoais do sujeito ou dos sujeitos (em particular, o equilíbrio psíquico, a honestidade e a retidão da vida moral, a sinceridade e a docilidade habitual para com a autoridade eclesiástica, a predisposição para retomar um regime normal de vida de fé, etc.);
  2. no que diz respeito à revelação, doutrina teológica e espiritual verdadeira e isenta de erro;
  3. devoção sadia e frutos espirituais abundantes e constantes (por exemplo, espírito de oração, conversões, testemunhos de caridade, etc.).

## B) Critérios negativos:

- a) Erro manifesto acerca do facto.
- b) Erros doutrinários atribuídos ao próprio Deus, ou à Bem-Aventurada Virgem Maria, ou a algum santo nas suas manifestações, considerando todavia a possibilidade de que o sujeito tenha acrescentado – também inconscientemente – a uma autêntica revelação sobrenatural elementos puramente humanos, ou então algum erro de ordem natural (cf. Santo Inácio, *Exercícios*, n. 336).
- c) Uma procura evidente de lucro, ligada estritamente ao facto.
- d) Atos gravemente imorais realizados no momento ou por ocasião do facto pelo sujeito ou pelos seus seguidores.
- e) Doenças psíquicas ou tendências psicopáticas no sujeito, que com certeza tenham exercido uma influência sobre o presumível facto sobrenatural, ou então psicose, histeria colectiva ou outros elementos deste género.

Olhando estas *Normas*, devemos dizer que estes critérios, positivos e negativos, são indicativos e não taxativos, e devem ser aplicados de modo cumulativo, ou seja, numa convergência recíproca e nunca isoladamente. Os frutos espirituais, juntamente com o discernimento eclesial, são o melhor juízo da autenticidade das aparições. Podemos ainda dizer que um critério sempre válido e atual é o de Gamaliel: "Agora, digo-vos: não vos metais com esses homens, deixai-os. Se o seu empreendimento é dos homens, esta obra acabará por si própria; mas, se vem de Deus, não conseguireis destruí-los, sem correrdes o risco de entrardes em guerra contra Deus" (At 5,38-39).

#### 4. As mariofanias e o mistério da fé

Tendo em conta o que afirmava o Papa Paulo VI na exortação apostólica *Marialis cultus* (1974): “Em Maria, tudo é relativo a Cristo e dependente d’Ele” (MC 25), a nossa atenção deve voltar-se para Maria, a mãe do Verbo encarnado, para melhor vivermos o mistério de Cristo e descobrirmos a nossa identidade cristã. Apesar desta verdade da fé, tantas vezes somos confrontados, sobretudo a nível pastoral, com realidades em que Maria e Cristo aparecem como concorrentes para ocupar o coração dos fiéis e um lugar de destaque na devoção e na vida dos crentes. Daí o colocarmos a questão: “Maria ou Cristo?”. A resposta a esta pergunta leva-nos a descobrir o papel e a função de Maria no mistério da fé: conduzir a Cristo e interceder pelos cristãos (solicitude materna) junto de seu Filho. Estes são motivos mais que suficientes para aprofundarmos a fé na escola de Maria.

##### **Maria no mistério de Cristo**

A pergunta: “Maria ou Cristo?”, não a colocamos como um título mais ou menos sugestivo ou provocatório para refletir sobre Maria no mistério de Cristo. Esta interrogação deixa a descoberto alguns problemas suscitados por muitos autores ao aprofundarem a reflexão sobre Maria no mistério de Cristo e na fé da Igreja. É também uma questão suscitada por alguns críticos do culto mariano e do modo como este se desenvolve e se vive, sobretudo ao nível da piedade popular onde, tantas vezes, Cristo fica “escondido” e em segundo plano, dando lugar a uma mariolatria. Estes críticos estão convencidos de que, tanto no campo da reflexão teológica como no da piedade, Maria é um obstáculo para chegar ao verdadeiro conhecimento de Cristo e impedimento para lhe prestar o devido culto que, como único mediador da salvação, deve receber da autêntica piedade cristã.

É certo que, tendo em conta a crescente maximização mariana na vida dos cristãos e na doutrina da Igreja, houve alguns enquadramentos mariológicos que pareciam deixar um pouco isolada, no campo da reflexão teológica, a figura de Maria. A pouca importância que foi dada, em alguns períodos da história, às relações de Maria com o mistério Cristo e com o mistério da Igreja fomentou a ideia e a sensação de que Maria era uma questão periférica na reflexão teológica. A mudança de paradigma aconteceu, de modo mais visível, no Concílio Vaticano II, que teve como finalidade centrar a reflexão mariológica no mistério de Cristo e da Igreja (cf. LG 52-69).

A resposta à questão: “Maria ou Cristo?” não deve partir de preconceitos ou posições previamente tomadas, mas conduzir a um melhor aprofundamento

do mistério de Cristo, tal como ele aparece na revelação, e descobrir a presença qualificada e significativa de Maria. Ou seja, devemos aprofundar as relações entre Cristo e Maria e as suas implicações mútuas para descobrirmos não a oposição, mas a sua complementaridade no projeto salvífico: "Maria e Cristo". Maria e Cristo como duas partes integrantes da mesma e única História da Salvação na qual Cristo é o centro e Maria é central.

Na perspectiva conciliar Maria é alguém muito especial, a quem reconhecemos como Mãe de Cristo e nossa Mãe na fé. Nela descobrimos também o perfeito modelo de como seguir Jesus Cristo.

A figura de Maria está intimamente relacionada com o mistério de Cristo. É impossível compreender o mistério de Maria sem relação a Cristo. O mistério de Maria só se compreende a partir e à luz do mistério de Cristo.

No fundo as prerrogativas marianas<sup>43</sup> têm sempre Cristo como razão e termo, elas apontam sempre para o mistério de Cristo. Isto faz com que não exista oposição e que a compreensão global de Cristo não possa ser levada a cabo sem Maria. Não se compreende totalmente Cristo sem Maria. Diz D. António Marto: "É certo que Maria não é o centro do cristianismo. Não pode de modo algum substituir a Cristo, único mediador e salvador. Mas ela tem um lugar e uma missão singulares ao lado de Cristo e ao serviço de Cristo, da Igreja e da humanidade, precisamente como Mãe do Salvador, unida a Ele por laços indissolúveis"<sup>44</sup>. Podemos dizer que Ela não é o centro, mas está no centro por escolha do próprio Deus. Diz Eloy Bueno: "Maria pertence à revelação do Pai pelo Filho e pelo Espírito... Nas mariofanias, ela é identificada, sem dúvida alguma, como mãe de Jesus; porém não como uma personagem do passado, mas como pessoa viva, luminosa, glorificada, que se interessa pelos seus filhos e pelo destino do mundo; precisamente pela sua participação no mistério salvador do Filho, ela atua como memória atualizadora da atividade do Jesus terreno e como garantia da espera confiante na manifestação definitiva da vitória do Ressuscitado"<sup>45</sup>.

43 As Prerrogativas são os privilégios concedidos à Santíssima Virgem por ter sido criada para ser a Mãe de Deus e associada a Cristo, seu Filho, para a obra de redenção da humanidade. A primeira prerrogativa, o seu maior título, é o de Madre de Deus. Desta derivam as demais excelências que são dogmas marianos de fé da Igreja e as consequentes virtudes.

44 MARTO, A. – *Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia. Carta Pastoral 2015-2017 – No Centenário das Aparições*, Diocese de Leiria 2015, p. 3.

45 BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, p. 49.

### **Maria e Cristo: a perspectiva do Concílio Vaticano II<sup>46</sup>**

O contributo do Concílio para este novo olhar sobre Maria e a sua importância na História da Salvação, na vida da Igreja e na vida dos cristãos, podem resumir-se em alguns pontos. Assim, a doutrina conciliar sobre Maria no mistério de Cristo e no mistério da Igreja (cf. LG 52-69):

- apresenta a Mãe de Jesus não de maneira isolada, mas sim em interdependência com Cristo e a comunidade dos seus seguidores, a Igreja;
- traz nova luz para os dogmas marianos e o culto a Maria, a partir da História da Salvação e da teologia bíblica;
- mostra que é possível e necessário elaborar o discurso mariano de maneira equilibrada, lúcida e atual, evitando a lógica exclusiva dos “privilégios de Maria”;
- não encerra a reflexão sobre Maria num tratado fechado e nem pretende responder a tudo. Antes, estimula os teólogos a continuar os estudos, para esclarecer e aprofundar os temas em fase de maturação (cf. LG 54). A partir do espírito do Concílio, os teólogos não são considerados como meros repetidores do Magistério da Igreja. Em comunhão com a Bíblia, a Tradição, o Magistério e os Sinais dos Tempos, os teólogos têm a missão de contribuir para o avanço da teologia mariana na Igreja;
- a reflexão sobre Maria articula-se principalmente com textos bíblicos e patrísticos. Não há referências explícitas aos tradicionais tratados devocionais dos últimos cinco séculos, em grande parte marcados pelo maximalismo mariano;
- ignoram-se as mensagens de videntes e de aparições. Simplesmente, não se fala delas, pois estas apresentam um caráter devocional e não dogmático;
- amplia as características bíblico-teológicas de Maria. Nos últimos séculos, o seu perfil ficou restrito praticamente a três elementos: o sim da anunciação, a maternidade biológica, a união com o filho no momento da cruz. O Concílio descortina outras características, tais como: companheira e servidora de Jesus (cf. LG 61), mulher que avança na peregrinação na fé, de Caná até à cruz (cf. LG 58);

46 Cf.: DE FIORES, S. – *Concilio Vaticano II*, in *Maria. Nuovissimo Dizionario*, I, pp. 341-348; MURAD, Afonso – *Maria a partir do Vaticano II*, in *Revista Convergência* 48 (2013), pp. 265-272; BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, pp. 52-54.

- coloca as bases teológicas necessárias para superar a ambiguidade de títulos marianos como "medianeira" e "corredentora". Reafirma o dado bíblico central: "Jesus é o único mediador". Maria e os Santos cooperam na missão salvífica de Jesus. Tal cooperação não os coloca ao mesmo nível de Jesus;
- aponta as múltiplas e complementares formas relacionais de Maria com a comunidade dos seguidores de Jesus. Maria é simultaneamente membro, mãe e modelo da Igreja;
- chama a atenção para equívocos dos extremos do minimalismo (não dá importância à figura de Maria na vida da Igreja e dos cristãos católicos) e do maximalismo (devocionismo que se afasta da centralidade de Jesus). Nem toda a forma de devoção mariana é saudável. Critica o afeto estéril e transitório e a vã credulidade. Valoriza o conhecer e o inspirar-se nos traços do perfil bíblico-espiritual de Maria<sup>47</sup>.

Podemos dizer que aproximar-se de Cristo é aproximar-se de Maria... Ela é a garantia de uma aproximação completa, pois faz-nos compreender e viver a totalidade dos mistérios de Cristo.

Maria é toda relativa a Cristo e, a partir de Cristo, relativa à Igreja (cf. LG 52-53): é Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Ora, se Jesus Cristo é o centro do Cristianismo, Maria é central, por ser a pessoa que está mais próxima desse centro. Neste centro devemos entender Maria inserida no mistério salvífico, na economia da Salvação. Maria é a pessoa que Cristo mais incluiu na sua obra redentora<sup>48</sup>.

### **Maria assunta: chave hermenêutica das mariofanias**

Segundo De Fiores, no final da introdução do *Dizionario delle "apparizioni" della Vergine Maria*, R. Laurentin faz uma pergunta sobre o sentido ou o significado das aparições e termina a resposta com outra pergunta: "Maria aparece, portanto, de alguma maneira, nesta fronteira do tempo e da eternidade, de Deus e dos homens: como uma mediação materna, porque esta mulher, humilde entre as mulheres, deu à luz o próprio Deus entre os homens para que eles, por sua vez, nascessem para a vida divina. É este o motivo pelo qual as suas aparições são tão frequentes e eloquentes?"<sup>49</sup>.

47 Cf. BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A mensagem de Fátima*, p. 53.

48 Cf. BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A mensagem de Fátima*, p. 49.

49 DE FIORES, S. – *¿Por qué las apariciones de María?*, in *Ecclesia*, 25 (2011), p. 138.

Podemos dizer que Deus fala no nosso tempo mediante Maria porque Ela é a pessoa adequada para transmitir a sua vontade. A identidade histórico-salvífica e teológica de Maria permanece a de ser a serva do Senhor, sempre disponível para cumprir e transmitir a vontade divina; ao mesmo tempo, Ela é a mãe dos discípulos de Cristo que não os abandona, neste peregrinar terreno, entre luzes e sombras, até que alcancem a pátria eterna<sup>50</sup>.

Por outro lado, o estado glorioso de Maria, única criatura que participa da condição gloriosa (pneumática) de Cristo ressuscitado, dá-lhe a possibilidade de estar presente no espaço e no tempo sem ter de estar circunscrita a eles. Assim Maria “serva do Senhor” é a pessoa apta para a comunicação da vontade divina porque é mãe compassiva e assunta. Daí, como o explicam alguns autores, podemos afirmar que o mistério da sua assunção é a chave hermenêutica das mariofanias<sup>51</sup>.

Segundo De Fiores, para o teólogo Hans Urs von Balthasar, quem faz a pergunta “porquê Maria?” ainda não compreendeu verdadeiramente quem é Maria. E continua citando o mesmo teólogo:

“Ela é o modelo da Igreja, a Igreja na sua forma mais pura, a Igreja como deveria ser ou (já que somos todos pecadores) como deveria tentar ser. Maria não é uma pessoa privada. Ela é, poderemos dizer, uma pessoa universal... que como Serva do Senhor se pode ocupar de tudo. Ela agora está também disponível para o seu Filho, para mostrar aos cristãos o que a Igreja é na realidade e o que deveria ser. Precisamente porque Ela é a perfeita humilde, não tem nenhum temor de fazer referência a ela mesma, de aparecer com um rosário, de servir como intermediária de seu Filho. Tudo n’Ela é graça; porque teriam de duvidar de apresentar ao mundo este milagre de Deus, de que se admire não tanto a ela mesma mas que se manifeste o poder de Deus e de seu Filho?”<sup>52</sup>.

Segundo De Fiores, a interpretação original de Urs von Balthasar apresenta Maria como a “Serva do Senhor” (Lc 1,38), portanto a criatura mais apta para transmitir as mensagens divinas com fidelidade. Ou seja, a condição de serviço com a qual Maria se define transforma-a numa *comunicadora* ideal de quanto recebeu de Deus<sup>53</sup>.

50 Cf. DE FIORES, S. – *Apparizioni*, in *Maria. Nuovissimo Dizionario*, I, p. 37.

51 Cf.: PERRELLA, Salvatore M. – *Le Mariofanie*, pp. 207-234; PERRELLA, Salvatore M. – *Impronte di Dio nella storia*, pp. 303-368; GRASSO, A. – *Perché appare la Madonna?*, pp. 109-115; BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A mensagem de Fátima*, pp. 51-52; DE FIORES, S. – *Por qué las apariciones de María?*, in *Ecclesia* 25 (2011), pp.146-150.

52 DE FIORES, S. – *¿Por qué las apariciones de María?*, in *Ecclesia*, 25 (2011), p. 139.

53 Cf. DE FIORES, S. – *¿Por qué las apariciones de María?*, in *Ecclesia*, 25 (2011), pp. 139-140.

A visão da compassiva e materna solicitude de Maria segundo a graça lança uma nova luz sobre as aparições. Lidas sob esta luz, as aparições marianas são expressões de uma materna solicitude que guia toda a pessoa, situação e época a Cristo; lê-las ou vê-las isoladas e por si mesmas não teria nenhum sentido. São expressões da maternidade espiritual de Maria. Sendo comunicações de uma materna solicitude, as aparições expressam-se segundo toda a gama da comunicação humana: usam a palavra e o sinal, a mensagem de consolação de Guadalupe e o pranto de Siracusa, o escavar buscando água de manancial em Lourdes e a comunicação de “segredos” como em Fátima<sup>54</sup>. As formas da comunicação, nas aparições, podem ser muito variadas; são expressões próprias de um amor materno<sup>55</sup>.

Para iluminar a situação celestial de Maria ajuda-nos a analogia com Cristo ressuscitado. As aparições de Cristo ressuscitado aos discípulos mostram que a corporeidade do Senhor se encontra livre das leis da matéria, dos condicionamentos do tempo e do espaço: entra com as portas fechadas no cenáculo (Jo 20,19), aparece e desaparece de improviso (Lc 24,15.31), não é reconhecido imediatamente (Lc 24,37; Jo 20,15; Jo 21,4).

De Fiores, fazendo referência a vários estudos bíblicos, afirma que Cristo ressuscitado tem do corpo as qualidades *ativas* (pode atuar no cosmos), mas não as *passivas* (não pode ser circunscrito, não pode ser tomado e fechado pelo espaço e pelo tempo)<sup>56</sup>. Esta característica de estar livre dos condicionamentos espaço-temporais permite a Maria ter uma relação viva e vivificante com o cosmos e com os homens, com o tempo e com o espaço e, sobretudo, com o coração dos discípulos de seu Filho.

O segundo ponto de referência para entender o estado glorioso de Maria é a condição do corpo depois da ressurreição, descrita por Paulo (cf. 1Cor 15,1-59). Ainda que admita uma certa continuidade entre o corpo mortal e o ressuscitado, o apóstolo insiste na diferença através de quatro antíteses<sup>57</sup>. Assim temos:

54 Cf. DE FIORES, S. – *Apparizioni*, in *Maria. Nuovissimo Dizionario*, I, pp. 56-57.

55 Cf. LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, pp. 186-187.

56 Cf. DE FIORES, S. – *Por qué las apariciones de María?*, in *Ecclesia* 25 (2011), pp. 146-147.

57 "No caso de Maria... (como no caso de Cristo ressuscitado) trata-se de corpos glorificados. Eles podem ser percebidos na sua forma própria. Mas o estado de corpo glorioso de que Paulo ressalta o carácter misterioso, pertence à ordem do espaço-eternidade, estranho ao nosso espaço-tempo. O modo como um ser pertence ao espaço eternidade (definido com a duração de Deus) pode estar em relação com o espaço-tempo, mas é, a justo título, misterioso. Isto implica aspectos desconcertantes, já que os apóstolos tiveram dificuldade em reconhecer Cristo ressuscitado. Outra singularidade se evidencia no facto de Maria se manifestar assumindo vestes, estatura e até idades diferentes, adequando-se aos que a veem. A explicação mais clássica para essa

- semeado corruptível, o corpo é ressuscitado incorruptível;
- semeado na desonra, é ressuscitado na glória;
- semeado na fraqueza, é ressuscitado cheio de força;
- semeado terreno, é ressuscitado corpo espiritual" (1Cor 15,42-44).

Aplicando esta doutrina a Maria assunta, devemos reconhecer nela (no seu corpo) quatro características:

- 1) a *inocorrupção*, que indica vitória sobre a morte e sobre a decomposição no sepulcro;
- 2) a *glória*, que expressa tanto no esplendor, ao mesmo nível que as estrelas (Dan 12,3), como na presença e ação salvífica na história (Jo 1,14; 2,11);
- 3) a *força (potência)*, que designa a força do Espírito, capaz de comunicar a vida nova e de realizar obras eficazes e maravilhosas (Rom 15,19; 1Cor 12, 4-11; Gal 3,5);
- 4) a *espiritualidade*, que indica toda a pessoa humana de Maria sob a plena soberania transformadora do Espírito.

Seguindo o exemplo de Cristo, Maria, com o seu corpo glorioso, não se evade da história e do universo, e muito menos da história divina dos corações, mas está presente como força catalisadora do Espírito para a realização da comunidade definitiva<sup>58</sup>.

A encíclica *Redemptoris Mater* (1987), do Papa João Paulo II, apresenta-nos as três dimensões nas quais se realiza a presença de Maria: o espaço, o tempo e o interior das pessoas. Afirma: "Precisamente ao longo desta caminhada-peregrinação eclesial, através do espaço e do tempo e, mais ainda, através da história das almas, Maria está presente, como aquela que é 'feliz porque acreditou', como aquela que avançava na peregrinação da fé, participando como nenhuma outra criatura no mistério de Cristo. Diz ainda o Concílio que 'Maria... pela sua participação íntima na história da salvação, reúne, por assim dizer, e reflete em si os imperativos mais altos da fé'. Ela é, entre todos os que acreditam, como um 'espelho', em que se refletem da maneira mais profunda e mais límpida 'as maravilhas de Deus' (At 2,11)" (RM 25).

diversidade é a adaptação pedagógica a cada pessoa que a vê, ao seu ambiente e à sua cultura" (cf. LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, p. 187).

58 Cf. DE FIORES, S. – *Por qué las apariciones de María?*, in *Ecclesia* 25 (2011), p. 147.

Nesta perspetiva as aparições de Maria no espaço e no tempo podem ler-se como manifestações do seu corpo glorioso. Assim o compreende R. Laurentin quando afirma que, teologicamente falando, as aparições de Maria estão “de acordo com o seu impulso de serva do Senhor, com a sua função materna no corpo místico, com a sua condição glorificada no corpo e na alma”<sup>59</sup>.

Também nesta condição glorificada de Maria se baseia Salvatore M. Perrella para explicar as aparições de Maria:

“Aquele que aparece aos videntes e agraciados de todas as longitudes e latitudes do nosso mundo e da nossa história, é a glorificada Mãe do Senhor. A Virgem assunta, como o testemunham os acontecimentos mariofânicos, aparece, fala, reza, maternalmente chama a atenção, profetiza, exorta a voltar para Deus... A Virgem pode e faz tudo isto pelo simples facto que... foi, por vontade e poder de Deus, assunta ao céu em alma e corpo sendo, deste modo, conformada ao seu Filho ressuscitado e elevado ao céu”<sup>60</sup>.

A consequência desta condição gloriosa de Maria é a possibilidade de se fazer presente no tempo e no espaço sem estar circunscrita a estes. Maria é, com efeito, a única entre os santos que pode aparecer num determinado lugar com o seu corpo glorioso, sem estar circunscrita pelo espaço. Neste sentido as aparições de Maria, devido à sua Assunção, podem ser compreendidas como manifestações do seu corpo glorioso. Ela mostra-se aos homens na realidade do seu corpo ressuscitado<sup>61</sup>.

Maria assunta ao céu em corpo e alma glorificados, pelo Espírito de Cristo, pode ser o modelo ativador e motivador da fé dos crentes que vivem, hoje e sempre, a noite escura da Igreja peregrina e, tantas vezes, perseguida. Ou então, como afirma Eloy Bueno: “Maria, enquanto assunta, irrompeu como ‘lugar’ a partir do qual o cristianismo se narra a si mesmo, vendo-se liberado da fragmentariedade do tempo e, por isso, aberto ao futuro e à esperança”<sup>62</sup>.

59 LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, p. 198.

60 PERRELLA, Salvatore M. – *Le mariofanie*, pp. 207-208. Cf. também BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, pp. 51-52.

61 Cf.: DE FIORES, S. – *Por qué las apariciones de María?*, in *Ecclesia* 25 (2011), pp. 148-1149; LAURENTIN, R. – *Apariciones*, in *Nuevo Diccionario de Mariología*, pp. 186-187 e BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, p. 52.

62 Cf. BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, p. 52.

## Conclusão

O Papa Bento XVI, na Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (2010), afirma: “há muitos cristãos que têm necessidade que lhes seja anunciada novamente, de modo persuasivo, a Palavra de Deus, para poderem assim experimentar concretamente a força do Evangelho” (VD 96).

Nas aparições reconhecidas pela Igreja encontramos este anúncio persuasivo do Evangelho nas suas exigências de oração e conversão, de celebrações e de espiritualidade.

Tais exigências não se explicam sem ter em conta o papel da Virgem Maria na história da salvação. Maria é a serva do Senhor, sempre disponível para colaborar na obra salvífica de Deus uni-trino, exercendo a sua maternidade espiritual em favor dos homens apontando sempre para Cristo: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

Maria, apesar do seu estado de glorificada em corpo e alma, não permanece indiferente ao peregrinar dos seus filhos pelos tortuosos caminhos da história: “As aparições reconhecidas pela Igreja são portanto uma epifania desta múltipla e eficaz diaconia materno-fraternal, totalmente mantida e guiada pelo Uni-trino como sua origem e meta na totalidade das Escrituras”<sup>63</sup>.

Como nos recorda o Catecismo da Igreja Católica, o papel das revelações chamadas privadas “não é ‘aperfeiçoar’ ou ‘completar’ a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente, numa determinada época da história” (CIC 67).

Em Maria, Deus revela o modo histórico-salvífico de atuar na Igreja, não por conta própria mas suscitando a colaboração de todos os fiéis. Por este motivo Jesus não aparece com tanta frequência como sua Mãe<sup>64</sup>. Prefere pois a via mariana com uma intenção eclesiológica e antropológica.

Podemos dizer que as mariofanias são caracterizadas por dois aspetos: Maria não intervém unicamente para iluminar ou para recordar as verdades evangélicas, fá-lo também para preparar moralmente a Igreja para as futuras batalhas nas quais se enfrentarão o bem e o mal, mantendo viva a esperança na vitória final: “O meu Imaculado Coração triunfará”<sup>65</sup>.

63 PERRELLA, Salvatore M. – *Le mariofanie*, p. 66.

64 BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, p. 42.

65 “Para compreender isto, deveria bastar uma breve explicação. O termo ‘coração’, na linguagem da Bíblia, significa o centro da existência humana, uma confluência da razão, vontade, temperamento e sensibilidade, onde a pessoa encontra a sua unidade e orientação interior. O ‘coração imaculado’ é, segundo o evangelho de Mateus (5,8), um coração que a partir de Deus chegou a uma perfeita unidade interior e, conseqüentemente, ‘vê a Deus’. Portanto, ‘devoção’ ao Imaculado Coração de Maria é aproximar-se desta atitude do coração, na qual o *fiat* – ‘seja feita

Sobretudo, as mariofanias têm como objetivo ajudar a aprofundar o mistério de Deus, revelando aspetos inéditos ou pouco refletidos e não vividos, tais como a sua proximidade e, através de uma insondável ternura maternal, o Seu amor compassivo pela humanidade que caminha não para a autodestruição, mas em direção à plena realização em Cristo (*Eschaton*)<sup>66</sup>. Assim as mariofanias desvelam Cristo, apontam para Cristo vivo no hoje da Igreja e são um desafio permanente para a fé dos cristãos.

Diz-nos De Fiores: "Só nos resta acolher as aparições marianas como um carisma profético que nos ajuda a recordar o passado salvífico de Cristo e o seu Evangelho sempre atual; a viver o presente com compromisso cristão e a preparar um futuro de paz para a Igreja e para o mundo"<sup>67</sup>.

Podemos dizer que, atualmente, a reflexão teológica sobre as mariofanias é realizada mais a partir da "teologia dos carismas" como dons proféticos na vida da Igreja que interpelam e desinstalam um cristianismo, tantas vezes vivido sem a profunda convicção da fé, do encontro transformante com Cristo, e onde Maria aparece como "ícone" da Igreja peregrina. Elas são "sinal de uma compaixão que não abandona o pecador na sua solidão nem o sofredor na sua dor"<sup>68</sup>, mas o convida à comunhão na Igreja e à alegria da salvação em Cristo, seguindo o exemplo de Maria.

As mariofanias são a certeza de que precisamos de voltar, constante e permanentemente, à escola de Jesus Cristo, descobrir o Seu mistério e deixarmo-nos interpelar por Ele. Maria continua connosco velando, revelando, desvelando e apontando para Cristo: "Fazei o que Ele vos disser" (Jo 2,5).

a vossa vontade' – se torna o centro conformador de toda a existência" (CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ – *A Mensagem de Fátima – Comentário Teológico*), in *Memórias da Irmã Lúcia*, vol. I, p. 227).

66 Cf. GRASSO, A. – *Perché appare la Madonna?*, p. 34.

67 DE FIORES, S. – *Perché Dio ci parla mediante Maria*, p. 65.

68 BUENO DE LA FUENTE, Eloy – *A Mensagem de Fátima*, p. 49.